

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique. **Sensibilidade na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p. 9-22.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

I DON'T WANT TO BE A SOLDIER MAMA... O ATIVISMO POLÍTICO E SOCIAL NAS COMPOSIÇÕES DE JOHN LENNON (1968-1973)

João Paulo Brito Lima
UFCG – Campus Campina Grande
joaopaulolima156@gmail.com

RESUMO

Este presente artigo tem por objetivo analisar as práticas educativas de enfrentamento político no que diz respeito à uma posição social do Eu como força de mudança da sociedade através de ações sociais e de benfeitorias, mediante a análise das letras das músicas de John Lennon.

Palavras-chave: Práticas educativas; Enfrentamento Político; Música; John Lennon.

INTRODUÇÃO

Uma relação entre a História e a música é algo não muito pensado no campo da pesquisa historiográfica e como fonte e objeto de estudo, mas esse cenário vem mudando nos últimos anos, tendo em vista que a sonoridade, a canção, a música, caminhou junto com a humanidade desde seus primórdios e evoluiu junto com ela, estando intrinsecamente vinculada às práticas culturais, os costumes, rituais e manifestações de toda população. A música, sendo analisada com uma “lente historiográfica” pode dizer muito a respeito da época, e do contexto, seja ele social, econômico ou qualquer outro, que está inserida. A sua composição, sua letra, sua melodia, pode dizer muito não tão

somente sobre o compositor, mas sobre acontecimentos que mudaram os rumos da história.

Desde a gênese da sua criação, os meios de comunicação e de disseminação de propagandas, notícias e informações, como o rádio, a televisão, e neste caso, a música, foram absorvidos e utilizados pela indústria fonográfica para disseminarem para a grande massa consumidora, sua mensagem, o seu intuito, que na maioria das vezes, carregados da visão política dos seus patrocinadores e seus proprietários da alta sociedade. Mas as artes, como o teatro, o cinema, são de grande valia para que o historiador, com esta riqueza de fonte, pensar, e repensar o passado daquela sociedade em questão, através da mensagem, dos corpos envolvidos, do seu público alvo, do contexto social na qual a peça, a notícia, o filme, e neste caso, a música em questão, foi revelada, composta, gravada e lançada no mercado. Após a abertura de possibilidades de pesquisas abordadas através da Escola dos Annales com seu periódico que foi fundada pelos historiadores March Bloch e Lucien Febvre, no início do século XX, na qual “[...] A revista, que tem hoje mais de sessenta anos, foi fundada para promover uma nova espécie de história e continua, ainda hoje, a encorajar inovações. [...]” (BURKE, 1991, p.11), os historiadores e pesquisadores possuem mais uma gama de possíveis fontes documentais nas quais podem debruçar seu olhar, sua pesquisa, seu tempo, onde outros elementos agora podem ser utilizados para o estudo da passagem do homem pelo tempo e pela história.

Hoje em dia, é sabido que “[...] As informações presentes nas canções ajudam a ilustrar os acontecimentos sociais, políticos, econômicos e eventos do cotidiano de determinado país. Grosso modo, podemos dizer que a canção é uma interlocutora de acontecimentos culturais e sociais no mundo contemporâneo. [...]” (MANOEL, 2014, p.04). Portanto, sobre como a música teve influência e repercutiu das mais variadas formas possíveis no cenário internacional, este presente artigo vem tratar de algumas músicas de John Lennon, e de como essas composições lhe transformaram, em algumas opiniões, em um ativista político, protestante pela paz e no combate a guerra, para os fãs; e um hipócrita, subversivo e até mesmo uma ameaça para a política e eleições

presidenciais dos Estados Unidos da América no ano de 1972, para o então candidato a reeleição, Richard Nixon¹⁰⁴ e o FBI.

As fontes utilizadas neste artigo foram, além das próprias composições de John Lennon, os livros escritos sobre sua vida, biografias suas e da sua antiga banda, *The Beatles*. Além de outras fontes, autores como Peter Burke (1991), Napolitano (2002), pautou-se as análises e discussões de como trabalhar a música. Entre outras fontes como artigos, imagens fotográficas, a contracultura presente nas músicas e atitudes de Lennon, exemplificadas aqui nas palavras de Goffman e Joy (2007) e Pereira (1984).

WHEN I WAS A LITTLE BOY... INICIO DA VIDA, E DA BANDA QUE MUDOU GERAÇÕES

John Winston Lennon nasceu em 09 de outubro de 1940, na cidade portuária de Liverpool, Inglaterra, onde cresceu com todas as dificuldades de uma família. Foi um cantor, compositor, multi-instrumentista, escritor, ator, produtor musical e líder de uma das maiores bandas de rock de todos os tempos, *The Beatles*, que começou a ganhar notoriedade no cenário local inglês, em 1962. Desde cedo, John Lennon aspirava ser um cantor de “rock ‘n’ roll”, tendo várias influências dos cantores de rock norte-americanos, mas, sendo como sua maior influência o cantor Elvis Presley. O ritmo que vigorava em Liverpool na época era o *skiffle*¹⁰⁵, onde John “[...] Tornou-se o chefe de um grupo de *skiffle* da escola, os Quarryman. Apresentavam-se na rua, em cima de um caminhão.

¹⁰⁴ Foi o 37.º [presidente dos Estados Unidos \(1969-1974\)](#) e o único presidente norte-americano a renunciar ao mandato.

¹⁰⁵ “Era a imitação da música rural do Sul dos Estados Unidos, do velho blues feito com instrumentos de fabricação caseira, tábuas de lavar roupa, pente com papel de seda, gaitinha de boca, banjo de caixa de charuto e arame, baixo de caixa de sabão e cabo de vassoura.” MUGGIATI, Roberto. Os anos de ouro (1962- 1966) in *Rock: de Elvis à Beatlemania (1954- 1966)*. SP, Brasiliense, 1985. (p.71)

Vestiam-se como autênticos Teddy Boys [...]” (VILLARES, 1983, p. 18), onde, em uma dessas apresentações, em agosto de 1959, conheceu Paul McCartney.

“[...] John Winston Lennon nasceu em 9 de Outubro de 1940, com Liverpool se transformando num inferno sob um pesado bombardeio de aviões alemães. (O nome do meio foi uma homenagem a Winston Churchill). Ainda criança, seu pai, marinheiro, abandonou o navio e a família; a mãe casou com outro e ele foi morar com a tia Mimi, de quem ficou a famosa frase: “Não tenho nada contra a música como um *hobby*, John, mas você nunca vai ganhar a vida tocando guitarra[...]”. (MUGGIATTI, 1985, p.72).

Durante os oito anos em que a banda *The Beatles* permaneceu na ativa, Lennon ficou caracterizado por seu humor ácido e direto, e por suas composições, ora sem sentido, ora doces e amorosas, mas sempre partindo de sua visão acerca de determinado assunto, de algo mais intimista, pessoal, de dentro para fora, de suas experiências e suas opiniões, “[...] era um artista movido por paixões, indignações e críticas lançadas a partir de entusiasmos e angústias, em vez de uma linha política concebida na direção de objetivos previamente definidos [...]” (FRIDMAN, 2014, p. 520).

John Lennon foi o mais politizado dos quatro integrantes da banda, onde uma vez ou outra, deixava escapar sua opinião e sua posição em algumas das dezenas de entrevistas concedidas por eles, e os repórteres os indagavam a respeito de assuntos da época, como política, ou a Guerra do Vietnã¹⁰⁶, (1955-1975), por exemplo, na qual “[...] os EUA travaram dez anos de uma grande guerra, até serem por fim derrotados e obrigados a retirar-se em 1975, depois de lançar sobre o infeliz país um volume de

¹⁰⁶ Guerra do Vietnã (ou ainda, segundo os vietnamitas, Guerra Americana) foi um conflito armado ocorrido no Sudeste Asiático entre 1955 e 30 de abril de 1975. A guerra colocou em confronto, de um lado, a República do Vietnã (Vietnã do Sul) e os Estados Unidos, com participação efetiva, porém secundária, da Coreia do Sul, da Austrália e da Nova Zelândia; e, de outro, a República Democrática do Vietnã (Vietnã do Norte) e a Frente Nacional para a Libertação do Vietname (FNL). A China, a Coreia do Norte e, principalmente, a União Soviética prestaram apoio logístico ao Vietnã do Norte, mas não se envolveram efetivamente no conflito. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Vietn%C3%A3, acessado em 01/09/2019.

explosivos maior do que o empregado em toda a Segunda Guerra Mundial [...]” (HOBSBAWM, 1995, p.214).

Como jovens que estavam conquistando cada vez mais outros jovens ao redor do mundo, participante de uma banda em ascensão meteórica, a mídia e os veículos de comunicação da época poderiam distorcer e jogar contra eles qualquer comportamento, entrevista ou declaração que lhes julgasse errônea, como em 1966 quando John manifestou em uma coletiva de imprensa o que ficou conhecido como “Os Beatles são maiores que Jesus Cristo”, que causou um grande alvoroço nas ruas, queima de discos, e boicotes das músicas da banda nas rádios de todo o mundo.

“[...] Mas, na época, a imagem do grupo era algo que se deveria prezar. Brian Epstein já dera instruções claras: não se fala de política nem de religião. Mesmo assim, os Beatles não desanimaram. Ao que parece, estavam cansados de se fazerem de bobos. Decididos, declararam numa entrevista á imprensa, em Nova Iorque, que a Guerra do Vietnã era uma guerra “errada”. Hoje, qualquer pessoa de bom senso sabe disso, mas, na época, 90% dos americanos ainda não pensavam assim [...]”. (VILLARES, 1983, p. 47).

Seguindo com o diálogo, trago Napolitano (2002) a luz da conversa, pois ele afirma ainda que, o historiador que decidir optar por trabalhar a Música como fonte e tema historiográfico, tem que fazer isto com a maior acuidade possível, não permitindo que o seu gosto pessoal interfira na pesquisa e no “manuseio” do material. A análise e o trabalho do historiador com a música ou com a canção em particular devem ser muito minuciosos, meticolosos. O trabalho com a música deve levar em consideração muito além dos gostos pessoais do pesquisador, pois muitos outros aspectos estão em questão. Uma das complexidades que surge a partir do momento em que se começa a trabalhar com a música ou com a canção específica é que, toda a experiência vivida na época em que foram compostas e gravadas, os sentimentos do compositor, do interprete da canção, os valores, o contexto da época é bastante difícil ser trazido à luz do presente momento, haja vista o exemplo deste trabalho, que aborda canções com um recorte temporal de 1968 a 1973, como já mencionado.

“[...] Para aquele que se propõe a estudar a história da música, é preciso ir além. Não basta dizer que uma música significa isto ou aquilo. É preciso identificar a gravação relativa à época que pretendemos analisar (uma canção pode ter várias versões, historicamente datadas), localizar o veículo que tornou a canção famosa, mapear os diversos espaços sociais e culturais pelos quais a música se realizou, em termos sociológicos e históricos [...]” (NAPOLITANO, 2002, P.86).

Dito isto, voltamos para as letras do compositor. Aproximando-se do fim da banda, mas precisamente em 1968, John Lennon compõe o que eu considero a primeira música do *beatle* com a temática política e que pode ser utilizada como uma prática pedagógica, tendo em vista o posicionamento político que sua letra aborda. A música “*Revolution*” (Revolução); uma resposta do *beatle* a sociedade e a mídia que cobrava um posicionamento da banda em relação às tensões políticas que estavam acontecendo ao redor do mundo naquele momento: “*Você diz que você quer uma revolução / Bem, você sabe / Todos nós queremos mudar o mundo / Você me diz que é a evolução / Bem, você sabe / Todos nós queremos mudar o mundo / Mas quando você fala de destruição / Você sabe que não pode contar comigo*”. A música faz uma alusão ao que ficou conhecido como “Maio de 68”¹⁰⁷, ou seja, os conflitos e protestos estudantis que aconteceram em Paris, e que cresceram de tal forma que se transformou numa greve geral de grande parte dos trabalhadores das fábricas francesas e uma comoção geral da nação exigindo a renúncia do então presidente Charles de Gaulle.

“[...] *Revolution* foi lançada originalmente no lado B do compacto *Hey Jude / Revolution* e, posteriormente, entrou no segundo disco do álbum

¹⁰⁷ “[...] Em março de 1968, estudantes de uma universidade localizada nos arredores de Paris protestaram contra a proibição de alojamentos com homens e mulheres. Animados pelo movimento, os estudantes franceses passaram a ir às ruas para buscar mudanças políticas, culturais e sociais, durante o mês de maio de 1968. Os protestos chegaram às ruas de Paris em 3 de maio de 1968, após o fechamento da Universidade de Sorbonne. Os estudantes passaram a pedir pela renúncia do então presidente Charles de Gaulle, que estava no poder desde 1958. O movimento passou a ter o apoio dos operários, que aproveitaram o momento de revolta para iniciarem a greve mais longa e mais profunda da história da França, envolvendo 9 milhões de trabalhadores.[...]” Disponível em http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20080521091012.pdf?PHPSESSID=dc150b021408f92d9ac7940a1755f89d acessado em 01/09/2019.

duplo The Beatles, de 1968. A canção, assinada por Lennon e McCartney, carrega mais a autoria de Lennon e discute que lado se deve tomar dentro da revolução cultural pela qual o mundo passava. Essa música, portanto, fala da contracultura dividida: havia aqueles que partiam para a luta armada, matando e/ou machucando pessoas para conseguirem abolir o establishment e aqueles que se colocavam ao lado dos movimentos pacifistas [...] Lennon se coloca ao lado dos pacifistas e se preocupa com uma consciência sobre o desejo de se mudar o sistema – o que os revolucionários iriam fazer depois que o tivessem destruído? Eles tinham que ter um plano, e não só o desejo de derrubar e destruir. [...] é através do dinheiro que o compositor explicita sua posição no movimento de contracultura. [...]” (SARMENTO, 2006, p. 113).

Os *Beatles*, durante sua passagem na terra (1962-1970), deixaram o mundo, cultural e socialmente, marcados por suas obras musicais, seus álbuns, suas declarações na imprensa, onde nós podemos atestar que “[...] A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele [...]” (BLOCH, 2002 p.79). Portanto, as músicas da banda *The Beatles*, em especial de John Lennon, que é o objeto central desta pesquisa, nos informam muito não somente sobre ele, mas sobre a sociedade em que suas músicas foram direcionadas.

Os anos que correram depois do fim da banda, findada em abril de 1970, proporcionaram uma maior liberdade a John Lennon, no sentido em expor mais abertamente e publicamente suas opiniões políticas através de seus protestos pacifistas, suas declarações, seus envolvimento com figuras políticas e obviamente, sua música, o veículo de maior repercussão encontrado por ele para propagar e divulgar seu posicionamento mediante ao sistema e pedir uma chance a paz.

THE BALLAD OF JOHN AND YOKO: A NOVA ESPOSA, A CONTRACULTURA E AS INFLUÊNCIAS NA MÚSICA DE JOHN LENNON

John Lennon e Yoko Ono se conheceram em 1966, durante uma exposição de arte de Yoko Ono em Londres, enquanto os dois ainda eram casados, com Cynthia Lennon e

Anthony Cox, respectivamente. Passaram a se envolver artística e sexualmente, mesmo casados. Separaram-se em 1968 dos seus respectivos cônjuges e casaram-se em março de 1969, e logo começaram empreender uma grande mobilização pela paz e contra a Guerra do Vietnã, o que eles chamaram de *Bed-in for Peace* (na cama pela paz).

A influencia da liberdade sexual de Yoko Ono, do seu feminismo, e da contracultura norte-americana encharcaram a mente criativa de John Lennon, que passou a compor, gravar e lançar com e para Yoko Ono, músicas com o teor cada vez mais politizado, elétrico, forte, ácido, contra a sociedade capitalista, as potências beligerantes, e principalmente, o governo norte-americano, que tentou barrar a estadia do casal Lennon no país, no qual se mudaram para Nova Iorque, o cerne da efervescência contracultural, em 1971.

“[...] Embora possam ser encontradas poucas semelhanças entre alguns elementos contraculturais e esses grupos fundamentalistas, nós rejeitamos a definição de contracultura simplesmente como um estilo de vida que difere da cultura dominante. [...] Nossa definição é a de que a essência da contracultura como fenômeno histórico perene é caracterizado pela afirmação do poder individual de criar sua própria vida, mais do que aceitar os ditames das autoridades sociais e convenções circundantes, sejam elas dominantes ou subculturais” [...]. (GOFFMAN & JOY, 2007, p. 48-49).



“A GUERRA ACABOU! SE VOCÊ QUISER. Feliz Natal de John e Yoko”. Dizia os cartazes que John e Yoko espalharam por 50 capitais do mundo. Este acima estava em Nova Iorque. Fonte: <http://meldigiaco.com/photoshelter.com/index>

Durante sua lua de mel com Yoko Ono, uma música foi composta e gravada durante o *bed-in* no Amsterdam Hilton Hotel, em Montreal, Canadá. Intitulada *Give Peace a Chance* (Dê Uma Chance a Paz), a música foi um exercício do casal Lennon em responder publicamente as perguntas que os repórteres lhes faziam sobre o que os dois estavam debatendo deitados numa cama durante uma semana. “*Dois, um, dois, três, quatro / Todos estão falando sobre / Bagismo, Shaguismo, Draguismo, Madismo, Ragismo, Tagismo / Esse ismo, Aquele ismo, ismo, ismo / Tudo o que estamos dizendo é dê uma chance a paz / Tudo o que estamos dizendo é dê uma chance a paz*”.¹⁰⁸ A música foi lançada como um single em 1969, com a *Plastic Ono Band*, banda que ele formou com sua esposa Yoko Ono e outros músicos de estúdio. Esta canção tornou-se um hino das manifestações pacifistas americanas e fez parte dos movimentos anti-guerra foi lançada e executada com John ainda mesmo fazendo parte dos Beatles, mas como um trabalho “extraoficial”.

¹⁰⁸“*Two, one two three four / Ev'rybody's talking about / Bagism, Shagism, Dragism, Madism, Ragism, Tagism / This-ism, that-ism, is-m, is-m, is-m, is-m. / All we are saying is give peace a chance / All we are saying is give peace a chance*”. Lennon/McCartney, lançado como um single, 1969. Tradução disponível em <https://www.letras.mus.br/john-lennon/22587/> acessado em 01/09/2019



John Lennon e Yoko Ono em 1969, em sua campanha “na cama pela paz”. Fonte: <https://ultimateclassicrock.com/john-lennon-yoko-ono-bed-in/>. Acessado dia 01/09/2019.

Os anos que correram depois do fim da banda, findada em Maio de 1970, proporcionaram uma maior liberdade a John Lennon, no sentido em expor mais abertamente e publicamente suas opiniões políticas através de seus protestos pacifistas, suas declarações, seus envolvimento com figuras políticas e obviamente, sua música, o veículo de maior repercussão encontrado por ele para propagar e divulgar seu posicionamento mediante ao sistema e pedir apenas que descemos uma chance à paz.

A banda *The Beatles*, a gravadora, e os empresários com centenas de cláusulas contratuais impediam dos *garotos de Liverpool* de explicitarem suas ideias e opiniões a respeito de respectivos assuntos na sociedade. O próprio John Lennon,

[...] “achava “vergonhoso” não ter participado mais ativamente dos movimentos contra a Guerra do Vietnã e em defesa dos direitos civis. Sentira-se, muitas vezes, dividido entre o mercantilismo do sucesso dos Beatles – “todo mundo tentando nos usar” – e o desejo de insinuar temas mais maduros em suas canções. [...]” (MITCHELL, 2015, p. 10).

Talvez John Lennon sempre tivesse a intenção, o desejo de mudar o mundo, mas achou que com os *Beatles*, a mudança e o melhoramento da sociedade, de fato, foi algo frívolo, apenas com gritarias e desmaios da *beatlemania*. Agora com Yoko Ono ao seu lado, é diferente, ele agora tem mais uma chance. Com o desejo de mudar o mundo, John Lennon utiliza da grande influência midiática e comercial das suas composições, de sua música como um instrumento para disseminar a sua mensagem de “Paz e Amor”, sua revolução e seus protestos sem violência, foi a sua maneira de revolucionar o sistema, ou o *Establishment*¹⁰⁹. Seu ativismo político, suas declarações, entrevistas, seu estilo de vida, suas composições da época, o enquadra no cenário da contracultura norte-americana, tendo como pano de fundo a Nova Iorque dos anos 70 e o governo de Richard Nixon.

Uma das músicas que me chamam mais atenção no catalogo de canções de Lennon, traz uma mensagem, um medo, um pedido profundo e sincero de um jovem que não quer ir a guerra perder a vida, neste caso, a Guerra do Vietnã. Com está música, na qual fez parte do coro dos jovens que saíam nas ruas protestando contra a guerra, ficando os pés no chão e contrariando o poder vigente, o governo que estava mandando seus jovens para a perdição em um país envolto em mistério e mitos, “*I Don't Wanna Be A Soldier Mama I Don't Wanna Die*” (Eu Não Quero Ser Um Soldado Mamãe, Eu Não Quero Morrer), traz em si uma letra de clamor, do fundo da alma de um jovem que não quer ser um soldado, não quer ir pra guerra, porque sabe que a morte será certa: “[...] *Bem, eu não quero ser um soldado, mamãe / Eu não quero morrer / Bem, eu não quero ser um marinheiro, mamãe / Eu não quero voar / Bem, eu não quero ser um fracasso, mamãe / Eu não quero chorar / Bem, eu não quero ser um soldado, mamãe / Eu não quero morrer [...]*”¹¹⁰.

¹⁰⁹ Grupo sociopolítico que exerce sua autoridade, controle ou influência, defendendo seus privilégios; ordem estabelecida, sistema. Disponível em <https://www.dicio.com.br/establishment/>, acessado em 01/09/2019.

¹¹⁰ “*Well, i don't wanna be a soldier, mama, / I don't wanna die. / Well, i don't wanna be a sailor, mama, / I don't wanna fly. / Well, i don't wanna be a failure, mama, / I don't wanna cry. / Well, i don't wanna be a*

A contracultura encheu os olhos do casal Lennon, reverberando em sua arte, em suas práticas de enfrentamento político, em sua vida cotidiana. Pereira (1984), endossando assim o discurso sobre esse conceito de contracultura, onde ele discute sobre as características, hábitos e modo de viver das pessoas que se definiam como parte da contracultura, como também a origem do termo, pode os ajudar a entender como algo como a Contracultura mudou a vida dos jovens e de John Lennon e Yoko Ono naquela época:

“[...] O termo “contracultura” foi inventado pela imprensa norte-americana, nos anos 60, para designar um conjunto de manifestações culturais novas que floresceram, não só nos Estados Unidos, como em vários outros países, especialmente na Europa e, embora menor com menor intensidade e repercussão, na América Latina. Na verdade, é um termo adequado porque uma das características básicas do fenômeno é o fato de se opor, de diferentes maneiras, à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições das sociedades do Ocidente. [...]” (PEREIRA, 1984, p.13 apud MACIEL, 1981, p.19).

Diante desse conceito, é possível encaixar as músicas de John Lennon nesse cenário contracultural que estava em alta nesse período, no que com suas letras atacava diretamente o sistema, além de serem cantadas nas ruas, por jovens nos protestos pacifistas e de mudança, de revolução.

Com o passar dos anos, “[...] O John-beatle, dos anos 60, que acreditava nos sonhos dos movimentos de contracultura, dava lugar para um John mais concreto, mais humano e mais real [...]” (VILLARES, 1983, p.99), e então ele começa a compor músicas com temas mais variados, diversos, e com conotações mais sérias e políticas. Diante disso, Lennon tomou uma postura contra o sistema, e alguns aspectos do governo do Presidente Nixon, como por exemplo, o aspecto da política intervencionista militar norte-americana, principalmente, sobre a Guerra do Vietnã. Diante disso, sobre o conceito de intervenção,

soldier, mama, / I don't wanna die”. John Lennon, quinta faixa do lado A disco *Imagine*, lançado em 09 de Setembro nos Estados Unidos e 08 de Outubro de 1971 no Reino Unido. Letra e tradução disponíveis em <https://www.letras.mus.br/john-lennon/359969/traducao.html>, acessado em 01/09/2019.

no caso, militar, apresento o conceito desenvolvido por Proença e Duarte (2003), que diz quê,

“[...] A primeira definição a se fazer é que intervenção militar é invariavelmente guerra, ou seja, sempre é uma questão de política internacional resolvida por meio do uso da força como forma de um ator dobrar a vontade de um outro. Existem diversas formas de projeção de poder no sistema internacional por um ator sobre outro ou sobre vários atores, sejam eles diplomáticos, comerciais ou militares. Intervenção militar, por sua vez, é uma forma de projeção de poder em que o objetivo político determina as metas, magnitude e duração de objetivos de engajamentos e operações de combate – conceito de tática – e a combinação de vários desses para um objetivo bélico que atenda ao propósito político de um ator – conceito de estratégia. Uma intervenção militar, dentre as várias formas que pode assumir a guerra, requer obrigatoriamente o exercício da força de maneira física e presencial no território estrangeiro. Essa especificidade dá-se porque o objetivo político é apenas satisfeito pela conquista, sendo nesse caso a execução de uma estratégia militar persistente[...]” (PROENÇA & DUARTE, 2003, p. 136-137).

Diante disso, John Lennon, ao passo de suas ações, vai sendo visto e reportado pela mídia como um ativista político, e que “[...] Apesar do massacre sofrido anos antes na América, quando afirmou que os Beatles eram mais populares que Jesus, John Lennon, o ídolo do *rock and roll*, conquistava adeptos em todo o mundo para a causa da paz. [...]”. (FRIDMAN, 2014, p 533). Ele passa a exercer uma postura mais radical, tanto em suas composições, e também por suas ações, por exemplo, quando devolve sua medalha de Ordem do Império Britânico em 1969, como forma de protesto:

“[...] Numa manhã de novembro John acordou e pediu ao motorista que fosse até a casa de Tia Mimi buscar a medalha da Ordem do Império Britânico que estava em cima do aparelho de televisão. John resolveu colocar em prática uma ideia que há um ano tinha na cabeça; a Inglaterra envolvia-se no Vietnã, no conflito Nigéria e Biafra, e John não estava gostando nada disso. [...]” (VILLARES, 1983, p. 94-95).

As músicas de John Lennon ganharam uma conotação de ativismo político, mesclando críticas ao governo e esperança nas pessoas, na população, para que a real mudança social pudesse acontecer. A partir de 1968 até 1973, ano em que eu considero que John Lennon lançou a última música de uma leva de canções políticas e pacifistas,

de alerta a sociedade sobre o poder que as mesmas possuem para as mudanças que querem ver na sociedade. A música se chama *Only People* (Somente Pessoas), uma faixa que é enérgica e é tocada de forma que possa passar esperança para o ouvinte, uma canção com força na letra e na melodia que soa como uma convocação de John Lennon, ao estilo *rock and roll*: “Somente as pessoas sabem exatamente como falar com pessoas / Somente as pessoas sabem exatamente como mudar o mundo / Somente as pessoas percebem o poder do povo / Bem, um milhão de cabeças são melhor que uma / Então vamos lá, vamos lá”¹¹¹. Diante disso, sobre o conceito de ativismo político, cito o conceito utilizado por Assis (2006):

“[...] Ativismo é essencialmente algo feito em conjunto por muitas pessoas, mas devemos ser cuidadosos com o sentido de grupo ou coletividade empregado aqui. O que é essencial ao ativismo não é simplesmente haver mais do que uma pessoa, como em um cinema, mas um sentido de solidariedade em busca da transgressão. Deve haver um sentido de identidade compartilhada, que pode ser entendido nesta etapa como pessoas reconhecendo, umas nas outras a raiva, o medo, a esperança ou outras emoções que sintam quanto a uma transgressão. [...]” (ASSIS, 2006, p.13 apud JORDAN, 2002, p. 11-12).

Como cantor, Lennon agora compunha de acordo com os ideais em que estava engajado, compondo músicas para pessoas envolvidas também em protestos, e integrantes de partidos políticos de esquerda, que batiam de frente com o governo Nixon, a exemplo da música *Angela*: “*Angela, they put you in prison / Angela, they shot down your man / Angela, you're one of the millions of political prisoners in the world*”¹¹². E da música *John Sinclair*: “*If he had been a soldier man / Shooting gooks in Vietnam / If he was the*

¹¹¹ *Only people just know how to talk to people / Only people know just how to change the world / Only people realize the power of people / A million heads are better than one, so come on, get it on!*”. John Lennon, terceira faixa do lado B álbum *Mind Games*. Tradução disponível em <https://www.lettras.mus.br/john-lennon/89617/traducao.html> acessado em 01/09/2019.

¹¹² “Angela, eles a puseram na prisão / Angela, eles atiraram no seu homem / Angela, você é uma das milhares de prisioneiras políticas no mundo”. John Lennon, 1972, *Some time In New York City*. Tradução disponível em <https://www.lettras.mus.br/john-lennon/89604/traducao.html>, acesso em 01/09/2019.

*CIA / Selling dope and making hay / He'd be free, they'd let him be / Breathing air, like you and me / They gave me ten for two / What more can the judges do? / Gotta, gotta....gotta set him free*¹¹³

“[...] Certamente ele não se furtava em declarar suas adesões, como na campanha pela libertação de Angela Davis e de John Sinclair, dois proeminentes esquerdistas americanos presos por motivos ridículos. Davis namorava um líder dos Panteras Negras e Sinclair havia sido condenado a dez anos de prisão pelo porte de dois cigarros de maconha fornecidos por uma policial disfarçada. [...]” (FRIDMAN, 2014, p. 520)

Assim sendo, diante das interpretações que as músicas de John Lennon tiveram, e o seu uso, este artigo será fundamentado no conceito de representação do historiador francês Chartier (1990), em que diz: “[...] As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.[...]” (CHARTIER, 1990, p. 17).” Por meio deste conceito, observamos como algumas de suas músicas, de sua figura, da própria pessoa de John Lennon, foram apropriadas e utilizadas como referência aos protestos que se seguiam, como suas canções, suas declarações, suas entrevistas, foram utilizadas como forma de representar a voz dos jovens, dessas pessoas, o pedido das mães que queriam o retorno de seus filhos da Guerra do Vietnã, e de uma grande parcela da população que clamava por igualdade, por liberdade, por direitos civis justos e pela paz mundial.

¹¹³ “Se ele tivesse sido um soldado / que deu tiros nos prisioneiros de guerra no Vietnam / Se ele fosse da CIA / e ganhasse dinheiro vendendo drogas / Ele estaria livre, / iriam deixá-lo viver / com um sopro de esperança, assim como eu e você vivemos / Deram-lhe 10 votos a 2 / O que mais conseguem os juízes fazer? / O que têm a fazer, o que têm a fazer... o que têm a fazer é colocá-lo em liberdade”. John Lennon, 1972, *Some time In New York City*. Tradução disponível em < <https://www.lettras.mus.br/john-lennon/89604/traducao.html> >, Acesso em 01/09/2019.

YOU MAY SAY I'M A DREAMER, BUT I'M NOT ONLY ONE... CONCLUINDO O RECADO DO VELHO SONHADOR

John Lennon em sua breve vida, apenas quarenta anos, foi um homem inconstante, violento em sua juventude. Foi garoto, furioso, foi pensador, imaginava ter visto um homem pequeno em uma torta flamejante falando com ele, e imaginou um mundo melhor. Um homem de extremos, de contextos, de começos e fins. Um homem de ganhos materiais e perdas. Perdeu o pai, a mãe, os amigos, o filho mais velho, e no fim perdeu a vida, como todos nós vamos. Mas uma coisa que John Lennon foi, um sonhador nato. Sonhou em ser Elvis Presley, sonhou em voltar da Índia para ver seu novo amor. Sonhou em largar a banda que tanto sonhou em ter. Sonhou em viver, e viveu. Sonhou com um mundo melhor, onde pudéssemos viver em paz, com respeito ao próximo, ao negro, a mulher, ao pobre. Sonhou com uma sociedade igual e justa. E (en)cantou todos os seus sonhos mais profundos. Concluo que o mundo melhorou em muitos aspectos desde aquela fatídica noite do dia 08 de dezembro de 1980, mas ainda existe muito que melhorar. Mas vamos a cada dia, acreditando nas pessoas, e seguindo com a certeza que sempre estaremos imaginado um mundo melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Érico Gonçalves de. **Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo**. São Leopoldo, 2006.

BLOCH, Marc. “**Apologia da História ou O ofício de historiador**”. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989** / Peter Burke; tradução: Nilo Odália. – São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

FRIDMAN, Luis Carlos. **Rock and roll, John Lennon e a esfera pública.** sociologia&antropologia | Rio de Janeiro, v.04.02: 519 – 541, 2014.

GOFFMAN, Ken & JOY, Dan. **Cap. 2: Uma outra forma de excelência humana: definindo contracultura. In Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital.** RJ: Ediouro, 2007. (p. 45-64).

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos – O Breve Século XX.** 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995).

MANOEL, Diogo Silva. “**Música para Historiadores: [RE]Pensando Canção Popular como Documento e Fonte Histórica.**” *Encontro Regional de História: Profissão Historiador: Formação e Mercado de Trabalho, XIX. Juiz de Fora. Anais... Juiz de Fora* (2014).

MITCHELL, James A. **John Lennon em Nova York: Os anos da revolução/** James A. Mitchell; tradução de Pedro Jorgensen Jr. – 1. Ed – Rio de Janeiro: Valentina, 2015.

MUGGIATTI, Roberto. **Os anos heroicos (1954- 1959) in Rock: de Elvis à beatlemania (1954- 1966).** São Paulo, Brasiliense, 1985. (Tudo é História 96). (pg. 7-55).

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música: História cultural da música popular.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PEREIRA, Carlos Alberto M. “**Há algo no ar além dos aviões de carreira**”, “**A ascensão de um poder jovem**” in *O Que é Contracultura.* São Paulo, Brasiliense, 1984. (Primeiros Passos 100). (pg. 7- 30).

PROENÇA, Domício, DUARTE, Érico E. **Projeção de poder e intervenção militar pelos Estados Unidos da América.** Revista Brasileira de Política Internacional 2003, 46 (janeiro-junho).

SARMENTO, Luciana Villela de Moraes. **Ticket to ride. As tensões entre consumo e contracultura nas letras de música dos Beatles.** Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

VILLARES, Lúcia. **John Lennon: no céu com diamantes.** São Paulo: Brasiliense, 4.^a ed., 1984.

PANKARARU, ÁGUA E SENSIBILIDADES: NOTAS ESPARSAS

Josélia Ramos da Silva

Mestranda em História pelo PPGH da
Universidade Federal de Campina Grande

joseliaagua@hotmail.com

RESUMO

Esse artigo tem por objetivo discutir saberes culturais sobre a água, analisando os sentidos e as sensibilidades que água provoca nos índios Pankararu da Aldeia Brejo dos Padres, localizada no sertão de Pernambuco do Submédio São Francisco, entre os municípios de Tacaratu, Petrolândia e Jatobá/PE. A historiografia vem tecendo discursos sobre a crise hídrica, sobre uso e manuseio da água, canalização, etc., sem, no entanto, tecer um olhar para a água como sujeito e objeto histórico. Sentido e significado que busco nos saberes indígenas do povo Pankararu, por perceber um elo que este povo tem para com as águas, elo diferente do que costumeiramente é percebido nos discursos históricos. A história cultural, responsável por dar visibilidade aos sentidos, em que aspectos culturais, formas de expressão e tradução da realidade se fazem de forma simbólica, fundamenta esta